

A devoção a Maria Bueno no Cemitério São Francisco de Paula (Curitiba-PR, século XXI)

Vanda Fortuna Serafim¹

Tônia Kio Fuzihara Piccoli²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i35.46609>

ORCID SERAFIM: <https://orcid.org/0000-0001-7707-7792>

ORCID PICCOLI: <https://orcid.org/0000-0002-3968-7714>

Resumo: No texto em tela analisamos prática devocional a Maria Bueno, uma santa de cemitério, da cidade de Curitiba –Paraná. Embora o início do culto remonte ao século XIX, a análise aqui realizada centra-se no século XXI, sendo as fontes utilizadas, pesquisas de campo e questionários aplicados aos devotos que visitam o túmulo no Dia de Finados. Inicialmente descrevemos o espaço do cemitério e as formas do culto e devoção a Maria Bueno. Em segundo lugar apresentamos o perfil socioeconômico do devoto, para em seguida discutir o espaço do cemitério e a importância do túmulo de Maria Bueno para o culto. A fim de compreendermos a devoção recorremos a discussão acerca da dinâmica da dádiva, para por fim, analisarmos brevemente algumas das representações de Maria Bueno.

Palavras-chave: Maria Bueno, devotos, cemitério, representação.

The devotion to Maria Bueno in the São Francisco de Paula Cemetery (Curitiba-PF, 21st Century)

Abstract: The text analyzes devotional practice to Maria Bueno, a saint of a cemetery, in the city of Curitiba-Paraná. This analysis focuses on the 21st century and our sources are field surveys and questionnaires applied to devotees who visiting the grave on the Day of the Dead. We first described the cemetery space and the cult and devotions forms. In the second place we present the socioeconomic profile of the devotee, the cemetery's space and the importance of Maria Bueno's tomb for worship. In order to understand devotion

¹ Doutora em história pela UFSC. Professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Email: vandaserafim@gmail.com

² Mestra em História pelo PPH/UEM. Email: tkfpiccoli@gmail.com

we turn to the discussion about the dynamics of the gift, and finally, we will briefly review some of Maria Bueno's representations.

Keywords: Maria Bueno, devotees, cemetery, representation.

La devoción a María Bueno el Cemitério San Francisco de Paula (Curitiba-PR, siglo XXI)

Resumen: El texto analiza la práctica devocional a María Bueno, una santa de cementerio, de Curitiba -Paraná. Este análisis se centra en el siglo XXI y nuestras fuentes son encuestas de campo y cuestionarios aplicados a los devotos que visitan la tumba en el Día de los Muertos. Inicialmente describimos el espacio del cementerio y las formas del culto e devoción a María Bueno. En segundo lugar presentamos el perfil socioeconómico del devoto, para luego discutir el espacio del cementerio y la importancia de la tumba de María Bueno para el culto. A fin de comprender la devoción recurrimos a la discusión acerca de la dinámica de la donación, para finalmente, analizar brevemente algunas de las representaciones de María Bueno.

Palabras clave: María Bueno, devoto, cementerio, representacion.

Recebido em 13/02/2019 - Aprovado em 29/05/2019

‘Minha querida Maria Bueno’ é a forma como a oração a Maria Bueno, distribuída impressa a quem visita seu túmulo, no Cemitério São Francisco de Paula, se refere a ela. Também conhecida carinhosamente como ‘santinha de Curitiba’, seu nome está associado à intercessão, auxílio, pedidos de ajuda, dificuldades, proteção, desespero e sofrimento. Como é demonstrado na dissertação de mestrado *Maria Bueno: apropriações de uma crença híbrida* (PICCOLI, 2017), pensar a figura de Maria Bueno envolve considerar as diferentes apropriações que a mesma sofreu por mais de um século, desde que foi assassinada em 1893 na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Apropriações realizadas pela literatura, pela historiografia, pela imprensa e pelos devotos acerca de Maria Bueno.

Afinal, quem foi Maria Bueno? Uma jovem curitibana, ‘parda’ e ‘pobre’³, que foi brutalmente assassinada, sob a forma de degola, por Ignácio José Diniz, anspeçada⁴ do 8º Regimento de Cavalaria de Curitiba, em 1893, em um local próximo a atual Rua Vicente Machado, no centro de Curitiba. Dentre os vários relatos sobre o caso, conta-se

³ Essas descrições foram noticiadas no Jornal *O Diário do Comércio*, no dia 30/01/1893 (s/p), primeira notícia sobre a morte de Maria Bueno.

⁴ Graduação de praça entre soldado e cabo.

que no local de sua morte, foi colocada uma cruz de madeira e que o local teria se tornado um espaço de preces e devoções, onde devotos afirmavam ter seus pedidos atendidos por Maria. Conta-se, ainda, o fato de uma vizinha ter acendido uma vela no local do assassinato e esta teria queimado por semanas, sem se esgotar. (SANTOS, 2010, p. 68-69).⁵

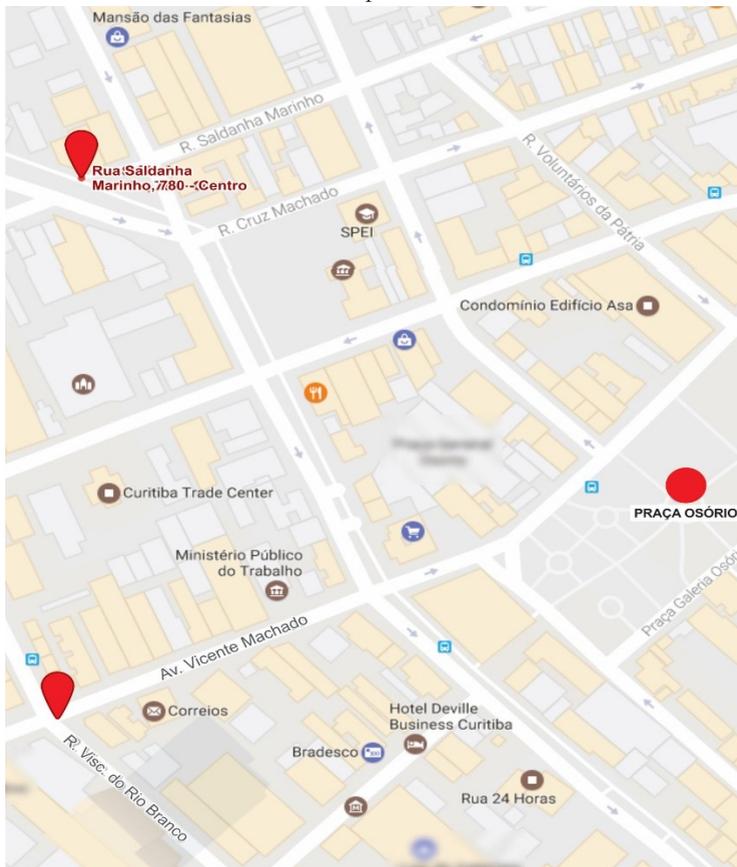
Outro relato explica porque muitos devotos depositam rosas vermelhas no túmulo de Maria Bueno: no local do assassinato teria surgido uma roseira de rosas vermelhas. A oralidade parece ter sido um dos fatores fundamentais para que as narrativas sobre as graças concedidas por Maria Bueno se espalhassem. Em 1961 sua sepultura foi transferida para um local de destaque no Cemitério São Francisco de Paula e construída uma capela em sua homenagem, surgiu um novo espaço de devoção, que passou a receber um grande contingente de visitantes, principalmente no feriado de Finados.

De acordo com os resultados da perícia divulgados pelos jornais, Maria Bueno morava à Rua Saldanha Marinho, casa de nº 780, relativamente próxima ao local onde seu corpo foi encontrado, a saber, uma travessa da Rua Campos Gerais, área periférica de Curitiba, atual Rua Visconde do Rio Branco (IMAGEM 01)⁶.

⁵ O caso de Maria Bueno não foi isolado. Há, por exemplo, o Caso de Maria Degolada, também em fins do século XIX. No dia 12 de novembro de 1899, na cidade de Porto Alegre, Maria Francelina Trenes foi violentamente assassinada por seu companheiro Bruno Soares Bicudo durante um piquenique no Morro do Hospício. O caso foi batizado pela crônica policial da cidade de Crime da Maria degolada e ganhou repercussão nos jornais da capital gaúcha. Em pouco tempo o local do acontecimento passou a ser chamado de Morro da Maria Degolada, assim como a vila que surgiria anos depois. (STEIL; TONIOL, 2012). Outra história é a de Maria Pequena, santa de cemitério de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Segundo os registros, Maria Meireles Trindade era casada com o Tenente Marciano Angelino, defensor do legalismo/republicanismo/castilhismo, que atuou no conflito contra os federalistas, ao lado do seu filho. O casal vivia em Passo Fundo e Maria tinha fama de vidente, o que lhe conferia um status singular, enquanto mediadora dotada de dons premonitórios, e garantia a respeitabilidade da comunidade local e regional. (ZANOTTO, 2014). Essas duas Marias do sul do país foram degoladas na mesma época, e geralmente por pessoas associadas a cargos do exército. Foram mortas na época da Revolução Federalista, popularmente conhecida como Revolta da Degola, assim como o ocorrido com Maria Bueno, em Curitiba-PR.

⁶ Hoje esse local se tornou uma área central, a Rua Campos Gerais foi transformada na Avenida Vicente Machado e a travessa se tornou a Rua Visconde do Rio Branco; esta rua permanece com o mesmo nome, fazendo parte, hoje, também da área central de Curitiba.

Imagem 01 - Mapa com a marcação do local da residência de Maria Bueno e onde o seu corpo foi encontrado.



Fonte: Google Maps

O incidente foi noticiado de forma sucinta, sem acréscimos à vida de Maria Bueno, porém, o que nos chama atenção é a frase “moça de vida alegre”, o que dá margem a diversas interpretações que surgiriam – e perderiam seu significado – na medida em que a história de Maria Bueno foi sendo recontada.

HORROROSO ASSASSINATO

A polícia desta capital trata presentemente de descobrir o autor de um horroroso assassinato que, pelo que parece, foi

perpetrado por deshumana criatura. O fato é o seguinte: Hontem de manhã, apareceu assassinada Maria Bueno, de côr parda, em uma travessa da Rua Campos Gerais, desta cidade, tendo a cabeça completamente separada do corpo. Maria, segundo consta, era uma dessas pobres mulheres de vida alegre, mas inofensiva criatura de quem a polícia não tem a menor queixa em seus arquivos. A mutilação é grande no pescoço da vítima e, conforme se depreende de certos indícios, ela tivera uma luta tremenda com o assassino e tanto mais se justifica essa afirmativa, quando se vêem nas mãos da infeliz talhos profundos como de cortante navalha, que fora segurada nas tréguas medonhas do desespero. Nada de positivo se sabe até hoje, em referencia ao bárbaro acontecimento, apesar de ter a polícia desenvolvido pesquisas que mostram as circunstância e o autor do crime. Assim que tenhamos esclarecimentos detalhados acerca deste caso, nos apressaremos a transmiti-los aos leitores. Pelo que vemos, há ali uma triste cena de ciúmes em que o crime, como sempre é o propulsor de vingança e ódio fatais. (O DIÁRIO DO COMÉRCIO, 30 de janeiro de 1893).

Este momento é muito importante à reflexão, pois é a partir dele que Maria Bueno passa a existir enquanto santa. O momento da morte de Maria Bueno seria o evento priorizado para a organização dos demais, o fundador da crença: “é o mito que revela como uma realidade veio à existência”. (ELIADE, 1992, p.42). Sendo assim, a figura histórica que buscamos construir através da pouca documentação existente, pouco importa para os seus devotos, como pudemos observar nas pesquisas de campo.

Apesar de ter sido o primeiro jornal que anunciou a morte de Maria Bueno, *O Diário do Comércio* não deu mais atenção ao caso nos meses subsequentes. Encontramos três matérias a respeito da suspeita, e posterior julgamento de Ignácio José Diniz no periódico curitibano *A Republica*. A primeira notícia anuncia a morte de Maria Bueno, no dia 1º de fevereiro de 1893, com mais riquezas de detalhes sobre a morta e também apresenta a acusação do assassino Ignácio José Diniz.

ASSASSINATO

Na madrugada de 29 de janeiro que acaba de findar-se, deu-se nesta capital, em um capão de mato afastado da Rua de

Campos Gerais, o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno. As autoridades policiais, tendo conhecimento do fato, dirigiram-se ao local e, depois de precisas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde procedeu-se o exame de corpo de delito, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora uma quase decaptação. O Sr. chefe de polícia está procedendo às precisas indagações, achando-se indicado como autor do crime o ansepeçada do 8º Regimento de Cavalaria, Ignácio José Diniz que, estando de guarda no quartel, fugira a meia noite, apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Esta praça estava amasiada com Maria Bueno e com ela queria casar-se ultimamente. É voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois os depoimentos das testemunhas nenhum esclarecimento tem colhido. (A REPÚBLICA, 1º de fevereiro de 1893).

A segunda notícia, de 02 de março de 1893, afirmava que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Damos destaque à última afirmação do jornal, de que Maria Bueno seria amasiada com Diniz.

Graças aos esforços dos cidadãos Dr. Chefe de Polícia e do ativo comissário em exercício, acha-se concluído o inquérito policial sobre o assassinato da infeliz Maria Bueno e por ele está evidentemente provado que o autor deste horroroso crime é o ansepeçada do 8º Regimento de Cavalaria, Inácio José Diniz *amasiado da assassinada*. (A REPÚBLICA, 02 de março de 1893, grifo nosso).

A última notícia, vinculada depois de cinco meses do corpo de Maria Bueno ser encontrado, fala do desfecho do julgamento de Diniz.

Encerrou-se hontem a segunda sessão do Jury, tendo sido julgado o processo em que o reo Inácio José Diniz foi absolvido por 11 votos. Semelhante procedimento do jury, causou profunda estupefação nesta capital, onde era crença

geral de que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Contra ele havia um acervo de provas, que não foram destruídas pelo seu defensor. Não queremos magoar os srs. Jurados que tomaram parte do Conselho, pois que são soberanos em suas decisões, mas como jornalista não podemos deixar de passar em silêncio este fato, pois a absolvição de Diniz importa em grave perigo para a sociedade e incentivo à reprodução de novos crimes. (A REPÚBLICA, 14 de julho de 1893).

Essas notícias são importantes na medida em que se tornaram os primeiros documentos históricos sobre Maria Bueno como também as únicas notícias, aos quais tivemos acesso, antes que se organizasse a crença na santidade de Maria Bueno.

A compreensão que elaboramos aqui de Maria Bueno envolve sua narrativa mítica, ou seja, como criou-se a noção de santidade por meio de símbolos, signos e memórias sobre sua vida e morte, envolvendo questões de sacrifício e martírio⁷. Existem ainda as fontes literárias⁸ que contribuíram para criar um caráter dicotômico em torno da mesma, transitando entre a 'santa' e 'prostituta'. Os escritos acadêmicos, também contribuem para mostrar pontos diversos da memória histórica sobre Maria Bueno, seja atentando a devoção popular⁹ em torno dela, ou aos aspectos míticos e arquetípicos¹⁰ de sua história, ou ainda às questões rituais e raciais¹¹, ou mesmo jurídicas¹². Não se pode desconsiderar as representações das matérias do Jornal *Gazeta do Povo*, publicadas no Dia de Finados, anualmente, de 1919 até os dias atuais¹³.

Diante da vastidão de possibilidades e montante documental, faz-se necessário um recorte histórico que nos permita analisar alguns aspectos de Maria Bueno. Optou-se por apresentar, para a finalidade deste artigo, as apropriações devocionais de Maria Bueno no Cemitério São Francisco de Paula (Curitiba-PR), tendo como base as pesquisas de

⁷ Para conhecer mais sobre este aspecto, ver: SERAFIM, Vanda Fortuna; PICCOLI, T. K. F. . Maria Bueno e suas representações: reflexões teóricas sobre as crenças religiosas no Paraná - século XXI. *Tempo e Argumento*, v. 08, p. 411-444, 2016.

⁸ Ver: SILVA JUNIOR, Euclides da Mota Bandeira e, [1939]. Maria Bueno. **CronicasLocaes**, 1941; PEREIRA, Major Sebastião Izidoro. **Maria Bueno** (História – Romance – Agiografia), 1948 e SECUNDINO JUNIOR, Octavio. **Retrato de Maria Bueno**, 1996.

⁹ Vera Irene Jurkevics (2004).

¹⁰ Andréa Alvarenga de Lima (2007).

¹¹ Conceição Aparecida dos Santos (2010).

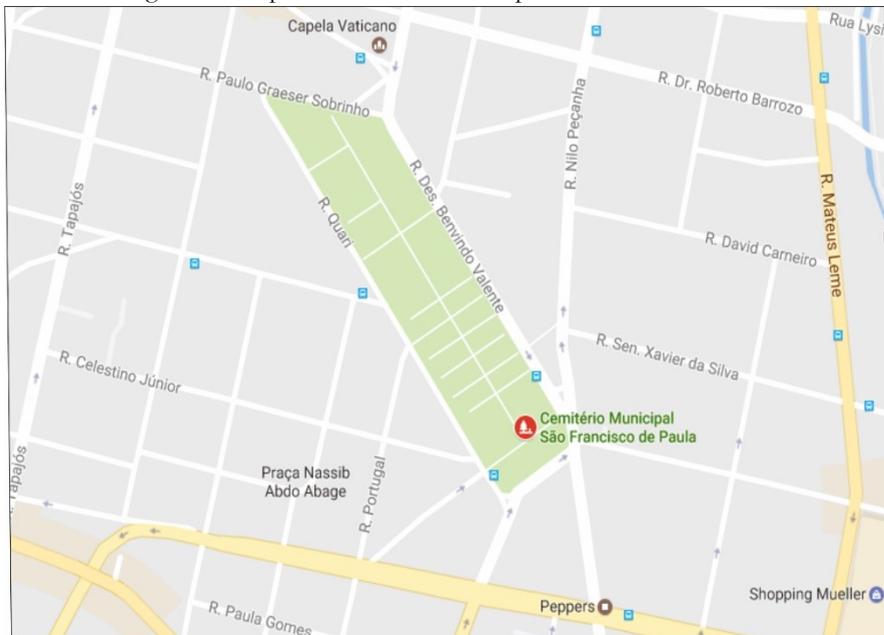
¹² Julia Impéria Koster (2011).

campo, bem como os resultados dos questionários aplicados aos visitantes do túmulo de Maria Bueno, no período de 2013 a 2015, no Dia de Finados. Inicialmente descrevemos o espaço do cemitério e as formas do culto, os pedidos e oferendas. Em segundo lugar apresentamos o perfil socioeconômico do devoto, para em seguida discutir o espaço do cemitério e a importância do túmulo de Maria Bueno para o culto. A fim de compreendermos a devoção recorremos a discussão acerca da dinâmica da dádiva, para por fim, analisarmos brevemente algumas das representações de Maria Bueno.

Maria Bueno foi enterrada no Cemitério São Francisco de Paula em 30 de janeiro de 1893, um dia após sua morte. (IMAGEM 01). O antigo túmulo de Maria Bueno não existe mais, porém fomos informados pela administração do Cemitério que esta parte do Municipal era considerada à época do sepultamento de Maria Bueno, uma área periférica, abrigando em sua proximidade túmulos de indigentes. Seu primeiro túmulo, ao que tudo indica, tinha apenas uma lápide e uma cruz simples, mas já angariava devotos, possivelmente, algum tempo após sua morte. De acordo com as pesquisas de Santos (2011), Maria Bueno pode ter sido sepultada no túmulo com a lápide de nº. 3903, Quadra 13, Rua 04, informação que a própria autora não conseguiu confirmar com a administração do Cemitério Municipal por falta de documentação.

¹³ Ver o capítulo “Apropriações jornalísticas: Maria Bueno e o dia de Finados no periódico *Gazeta do Povo* (1919-2015)”, de Piccoli (2017).

Imagem 02- Mapa do Cemitério Municipal São Francisco de Paula



Fonte: Google Maps

Em dezembro de 1961, os restos mortais de Maria Bueno foram transferidos para a área central do Cemitério, próximo a entrada principal. Hoje, o túmulo de Maria Bueno ocupa os Lotes 14, 15 e 16, da Quadra 02, na Rua 01. No traslado, além de ocupar um lugar de fácil acesso, sobre o túmulo de Maria Bueno foi construída uma Capela em que os devotos podem entrar para ver suas imagens, acender velas, receber fitinhas e orações da santa, impressas em folhetos coloridos e comprar *souvenirs*. Na Capela também encontramos uma caixa própria para doação, recolhida pela Irmandade Maria da Conceição Bueno¹⁴, e segundo Marciel Colonetti, presidente da Irmandade, o dinheiro é revertido para a manutenção da capela.

¹⁴ Irmandade Maria da Conceição Bueno: Segundo a página oficial da irmandade, ela foi fundada em 18 de janeiro de 1993, possui CNPJ de nº 68.724.020/0001-49, e tem firma reconhecida no endereço da Rua Almirante Gonçalves, 1064, Centro, Curitiba, PR, CEP 80230-060. O atual presidente da Irmandade é Marciel Colonetti. (Informação retirada do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas).

Ao perguntarmos para a administração do Cemitério São Francisco de Paula se eles existiam registros sobre a data exata ou quem teria encomendado e construído o novo túmulo de Maria Bueno, afirmaram que desconheciam a identidade e tampouco a procedência do investimento para esta obra.

De acordo com Andrade, a expressão da devoção ao santo começa no percurso que o fiel realiza até chegar ao espaço sagrado de devoção, o túmulo do santo de cemitério:

O percurso de peregrinação supõe uma organização espacial em que, durante o processo de caminhada, nas reflexões individuais ou coletivas, na superação de dores e pensamentos desagradáveis, o devoto passa por locais de composição pecaminosa, locais profanos, para que posteriormente encontre seu conforto, consiga sua realização, sua salvação, sua promessa, no ápice do roteiro: o local sagrado. Dessa forma a disposição espacial do espaço sagrado torna-se, durante o percurso, por vezes sagrado, composto por igrejas e santuários e, por vezes profanos, composto por comércios, trilhas, induzindo o martírio e a salvação inconsciente do indivíduo. (ANDRADE, 2015, p. 85)

Ao se aproximar do Cemitério São Francisco de Paula, no bairro de São Francisco, no Dia de Finados, nos anos de 2013, 2014 e 2015, a primeira coisa que visualizamos foi o grande fluxo de pessoas, dificultando o tráfego. Na rua principal encontramos um grande mosaico com a figura de Jesus, rodeado por anjos, com os braços abertos para receber as pessoas. (FOTO 01).

Foto 01- Entrada principal do Cemitério São Francisco de Paula



Fonte: Arquivo Pessoal Vanda Serafim

Para entrar no cemitério é preciso subir uma grande escadaria. O cemitério está em nível acima da rua e em seu trajeto encontramos várias poesias sobre a morte e a dor que enfeitam a entrada. O comércio de ambulantes também é significativo, com venda de velas e flores, especialmente rosas vermelhas.

Passando a entrada principal, o túmulo de Maria Bueno está localizado na Rua 01, a primeira rua à direita. Apesar de início da manhã, encontramos várias pessoas seguindo em direção ao túmulo de Maria Bueno. A maioria carrega velas e algumas com rosas nas mãos. (FOTO 02). Boa parte delas parecia estar acompanhada por familiares. O túmulo de Maria Bueno fica quase ao final da rua que, por ser estreita e constituída de túmulos altos, faz com que as pessoas caminhem em fila, como se passassem por um túnel, embora não seja coberto.

Foto 02 - Devotos se dirigindo ao túmulo de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

As placas votivas despertam atenção; também chamados de promessas ou milagre, os ex-votos são elementos materiais ofertado aos santos, concretizando o agradecimento, e são posteriores as graças recebidas. (ZALUAR, 1983, p. 90). Estão dispostas no muro que fica diante o túmulo de Maria Bueno, de forma mais ou menos regular, ocupando um largo espaço, que inicia antes do túmulo de Maria Bueno e se estende para além dele. As placas trazem agradecimentos por graças diversas alcançadas e têm datas variadas, da década de 1930 até os dias atuais. (FOTO 03).

Foto 03 - Placas votivas no muro em frente ao túmulo de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Em seguida, o que nos chama atenção é a imagem da santa, vista em um primeiro momento, de perfil. Apenas ao nos aproximarmos do túmulo conseguimos ver a imagem como um todo (FOTO 04).

Foto 04 - Imagem da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli.

Sobre a imagem no túmulo de Maria Bueno não podemos deixar de destacar que, ao trabalhar com representações, é importante elucidar a figura utilizada para retratar Maria Bueno enquanto expressão de uma santidade e objeto de devoção. Peter Burke (2003) afirma que, dentro do conceito de iconografia as imagens não são feitas apenas para serem observadas, mas também para serem lidas, pois há elementos na imagem que são intrínsecos ao contexto em que estão inseridos.

Burke identifica três níveis de interpretação iconográfica: o primeiro refere-se à descrição pré-iconográfica, voltada para o significado natural (árvores, animais, pessoas, eventos como jantares, festas, batalhas); no segundo reside a análise iconográfica no sentido estrito, voltada para o significado convencional (reconhecer uma coisa como “A última ceia” ou reconhecer uma batalha como a “Batalha de Waterloo”) e; por fim, o terceiro e principal nível, a interpretação iconológica, se distingue da iconografia pelo fato

de se voltar para o significado intrínseco, ou seja, “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica” (BURKE, 2003, p.45).

É necessário, portanto, ler as imagens como expressão do contexto histórico no qual foram produzidas. Apesar de não existir documentação a respeito da imagem de Maria Bueno, consideramos a probabilidade de que essa imagem esteja desde a instalação do túmulo, em 1961.

A iconologia seria uma tentativa de explicar representações em seu contexto histórico, em relação a outros fenômenos culturais, sendo que para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com seus códigos culturais (BURKE, 2003). Como demonstrou Sylvio Fausto Gil Filho (2003), a territorialidade do sagrado em Curitiba se definiria como sendo a percepção das limitações imperativas do controle e da gestão de determinados espaços sagrados por parte de uma instituição religiosa, no caso, a católica, pois nas décadas de 1960, 1970 e 1980, segundo IBGE, em torno de 90% da população curitibana se declarava católica. (GIL FILHO, 2003).

A transmutação acima pode ser evidenciada em Maria Bueno descrita como parda nos jornais da época, mas representada branca em sua imagem no Cemitério, além de assumir, nitidamente, a caracterização de santidade mariana. Tal atitude é compreensível dentro daquilo que Burke (2003) denomina erro de interpretação devido ao lateralismo cultural, ou seja, a propensão de visualizar imagens conforme as tradições ou mesmo as convicções pessoais do observador.

Burke (2003) destaca, ainda, que as imagens representadas parecem influenciar na percepção que temos da própria realidade. Ao representar uma imagem de Maria Bueno branca, vestida de azul e manto branco, podemos conjecturar uma tentativa de normatização da devoção.

Imagens têm sido utilizadas com frequência como meio de doutrinação, como objetos de culto, como estímulos a meditação e como armas em controvérsia. Portanto, elas também são um meio através do qual os historiadores podem recuperar experiências religiosas passadas, contanto que eles estejam aptos a interpretar a iconografia. (BURKE, 2003, p. 58).

As imagens teriam grande importância no campo do sagrado, porque a princípio eram utilizadas como forma de doutrinação no sentido original do termo: a comunicação de doutrinas religiosas. Também no culto aos santos, os devotos fazem longos

deslocamentos para ver imagens, a reverenciam, ajoelham-se diante delas, beijam-nas e lhes pedem favores, tal como verificamos no túmulo de Maria Bueno em nossas pesquisas de campo. Encomendar a produção de imagens também é uma forma de expressar agradecimento por favores recebidos, como observa Burke (2003). A presença do pedestal de Maria Bueno, no alto de sua sepultura, documenta esperanças, temores, gratidão por dádivas alcançadas e testemunham a íntima relação entre o doador e o santo.

Retornando à descrição, o túmulo de Maria Bueno, ocupa três lotes do cemitério, por contar também com a Capela e o Velário¹⁵. A Capela é constituída por uma porta de vidro com grades, quase sempre repleta de rosas vermelhas trazidas pelos devotos (FOTO 05).

Foto 05 - Porta da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

¹⁵ Embora não consiga definir a data exata, proibiu-se que os devotos acendam velas dentro do túmulo de Maria Bueno, pois, em momento isto ocasionou um incêndio.

Ainda na parte exterior da Capela encontramos placas votivas que foram pintadas de prateado para preservar as mais antigas(FOTO 06).

Foto 06 - As placas votivas mais antigas que ficam no túmulo



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Por meio de uma escada temos acesso à pequena Capela que contém o altar coberto com uma renda branca e várias imagens de Maria Bueno (FOTO 07).

Foto 07 - Interior da capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Pelas dimensões, as pessoas entram aos poucos, de cinco a seis pessoas no máximo, para pegar o santinho e a fitinha que é distribuída gratuitamente (FOTO 08).

Foto 08 - Fitinhas de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Assim que entram na Capela, as pessoas iniciam suas orações, finalizando-as no Velário, que fica na parte externa (FOTO 09).

Foto 09 - Velário de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Ali encontramos um grande depósito de velas brancas e copos com água que são deixados a fim de serem bentos pela própria santa. Algumas pessoas carregam esses copos ou as rosas para suas casas (FOTO 10). No decorrer do dia, o zelador do cemitério

retira inúmeras vezes, o excesso de cera das velas derretidas para que novas velas possam ser colocadas no local.

Foto 10 - Copos de água deixados no velário de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

O fluxo de devotos aumenta muito na hora do almoço e no final da tarde. As pessoas que visitam o túmulo geralmente estão em oração, rezam o terço, fazem silêncio e mantêm uma postura respeitosa. Raramente ouvimos conversas paralelas e as filas são respeitadas e todos esperam a sua vez de entrar na capela (FOTO 11).

Foto 11 - Fila para entrar na Capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Quando em menor número nas filas, as pessoas ficam um tempo maior dentro da capela. Mas quando há um número maior de pessoas, elas se movimentam mais rápido, sem a necessidade de alguém apressar a permanência no interior da Capela. Em todos os anos de nossa pesquisa, também verificamos a presença de jornalistas com câmeras a registrar o movimento no Cemitério e na Capela (FOTO 12).

Foto 12 - Jornalistas na Capela de Maria Bueno



Fonte: Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli

Para conversarmos com os visitantes do túmulo, geralmente aguardávamos dois túmulos à frente do Velário, a fim de garantir do ritual sem nossa intromissão. Iniciamos este tópico com uma oração, de autor não identificado, que está fixada na porta da Capela, por entendermos que ela nos permite apontar algumas características da devoção a Maria Bueno.

Em primeiro lugar destacamos a intimidade com a santa, “Minha querida Maria Bueno”. Apesar do termo santa não aparecer, ela é concebida como uma intercessora junto ao divino. Percebemos a expressão de dor, sofrimento, aflições e desespero. O devoto se coloca enquanto alguém menor diante da grandeza de Maria Bueno. A confiança é tanta que, de antemão, a pessoa já se coloca na posição de retribuir aos outros o bem que receberá de Maria Bueno.

Exposto isso, nosso olhar se voltará aos resultados de nossa pesquisa de campo, observações e questionários aplicados no Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba, no Dia de Finados, durante os anos de 2013, 2014 e 2015. Estar em campo é uma oportunidade única de aproximação com o objeto que se pretende estudar, pois seria impossível apreender a crença em Maria Bueno sem a atenção dispensada àqueles que conceberam a própria crença: seus devotos.

Como indica Carlos Rodrigues Brandão (1985), as pesquisas de campo foram formuladas como metodologia não a partir da lógica do sujeito pesquisador, ou de sua

ciência, mas da própria cultura que investiga, tal como expressam os próprios sujeitos que a vivem.

Considerando o uso de aplicação de questionários, ressaltamos que “o formato mesmo do questionário, elaborado unilateralmente pelo pesquisador, bloqueia o surgimento de dados novos e inesperados.” (BRANDÃO, 1985, p. 29-30). É em virtude deste entendimento que elaboramos um questionário que contemplasse a possibilidade de respostas abertas e livres, tais como: “Para você Maria Bueno significa...”. Acreditamos que, ao partir desta técnica mais livre se “estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, ampliando o campo do discurso.” (BRANDÃO, 1985, p. 29-30).

O questionário conta com 22 perguntas quantitativas e qualitativas, abordando os dados que consideramos fundamentais para identificar os devotos de Maria Bueno. O questionário foi aplicado em quarenta visitantes do túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados, em cada ano pesquisado, o que nos garantiu cento e vinte questionários respondidos. Os visitantes eram escolhidos aleatoriamente e eram abordados ao final da visita, após passarem pela Capela de Maria Bueno, fazerem suas preces e homenagens, e depositarem círios no velário. O questionário estava formulado com as seguintes questões: 01 – Idade/ 02 – Sexo/ 03 – Residência/ 04 – Escolaridade/ 05 – Profissão/ 06 – Religião/ 07 – Com que frequência visita o cemitério no Dia de Finados?/ 08 – Como veio ao cemitério?/ 09 – Visita o cemitério em outros dias do ano?/ 10 – Quais túmulos visita?/ 11 – É a primeira vez que visita o túmulo de Maria Bueno?/ 12 – Por que visita o túmulo de Maria Bueno?/ 13 – O que você conhece da história de Maria Bueno?/ 14 – Como soube da história de Maria Bueno?/ 15 – Você pede ou espera alcançar alguma graça com a sua visita?/ 16 – Conhece alguém que já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno?/ 17 – Você fez ou fará alguma oração/prece no túmulo de Maria Bueno?/ 18 – Já trouxe algo para presentear/homenagear Maria Bueno?/ 19 – Já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno?/ 20 – Por quais motivos já pediu ajuda a Maria Bueno?/ 21 – O que Maria Bueno significa para você?/ 22 – Maria Bueno é símbolo de...

O questionário nos possibilitou a apreensão geral do perfil dos devotos de Maria Bueno, além das perguntas qualitativas nos fornecerem elementos para análises de acordo com o assunto específico abordado, como: graças atribuídas a Maria Bueno, simbologia da figura de Maria Bueno, rituais realizados para homenagear a santa, entre outros.

1. O perfil socioeconômico do devoto

Com base nas seis primeiras questões feitas aos visitantes conseguimos apresentar algumas características socioeconômicas dos devotos, atentando à idade, sexo, residência, escolaridade, profissão, religião.

A faixa etária dos devotos de Maria Bueno é mais reincidente na casa dos 50 anos, seguidas dos 60 e dos 40 anos. Embora existam variações entre as demais idades, os números são bem menores. Esse dado confirma a presença de uma linearidade na devoção a Maria Bueno, dando a pensar que os devotos “envelhecem” junto com a crença. A terceira perspectiva é que os devotos de Maria Bueno são, na sua maioria, curitibanos, somando 107 moradores de Curitiba, contra apenas 13 pessoas de outras regiões, sendo que destes, apenas 02 eram de outros Estados. Verificamos a expressão de uma devoção geográfica em torno de Maria Bueno, a “Santinha de Curitiba” não só arregimenta devotos locais como também os especialistas que se dedicam a ela: todas as pesquisadoras, e produtores midiáticos, também, são residentes em Curitiba.

Constatamos que tivemos 83 visitantes do sexo feminino, em contrapartida a apenas 37 visitantes do sexo masculino. O que podemos conjecturar por meio desses dados é que a crença expressa sua continuidade por meio da figura matriarcal, salientando que apesar da posição secundária da mulher dentro da religião católica institucional, o cenário se inverte quando o assunto é religiosidade, ou seja, quando atentamos à figura daquele que crê e suas vivências e experiências religiosas. (SANTISO, 1982).

A questão sobre escolaridade surpreenderia aqueles que imaginam ser a religiosidade circunscrita apenas às camadas menos instruídas da sociedade. A maior estatística fica por conta dos devotos que possuem Ensino Médio Completo (44), seguido pelos devotos com Ensino Fundamental Incompleto (29) e pelos devotos com Ensino Superior Completo (18) que, somados àqueles que foram classificados no item Pós-Graduação (09), somariam um total de 27 devotos com formação de especialistas.

Quanto ao item profissão temos áreas e serviços variados entre os devotos de Maria Bueno, cuja maioria é composta por trabalhadores de mão de obra não qualificada (41); seguido das donas de casa (16). Entre os profissionais que trabalham na área de especialistas encontramos destaque entre os professores (11).

A religião, talvez tenha sido o dado mais profícuo sobre os devotos de Maria Bueno; constatamos que de um total de 120 devotos, 98 se declararam praticantes do catolicismo. Além desses, tivemos em ordem decrescente as seguintes declarações: 05 católicos/espíritas, 05 umbandistas, 03 espíritas, 03 protestantes, 01 sem religião e 04 que

não declararam sua religião. Ainda que eliminemos a margem de erro, por meio de ocultação¹⁶, a maioria de católicos continuaria a figurar entre os devotos de Maria Bueno.

Sobre este último aspecto, é necessário considerarmos que refletir acerca da santidade em Maria Bueno implica afirmar que sua legitimidade vem prioritariamente de seus devotos, uma vez que não é reconhecida enquanto santa pela instituição católica. Todavia, ao pensá-la enquanto um santo não oficial nos levaria a incorrer no risco de associá-la a uma prática religiosa menor, o que de forma alguma é intuito deste trabalho, até porque a abordagem que privilegiamos foi a de entender as formas de representações dos próprios devotos. Nesse sentido, é interessante a perspectiva adotada por Solange Ramos de Andrade (2008) acerca do que denominou “religiosidade católica”.

Conceituado como religiosidade católica, as manifestações que envolvem o culto aos santos católicos, reconhecidos ou não pela Igreja. Parto da constatação de que, nessas manifestações é difícil detectar o limite entre o institucional e o não institucional por se tratarem de expressões complexas nas quais o devoto acredita estar vivendo sua religião, sem a preocupação dela estar ou não sancionada pela instituição. Numa manifestação de religiosidade, o devoto utiliza elementos que são característicos da religião oficial, sem sentir-se embaraçado por isso. Gestos como rezar orações próprias da religião oficial ou pedir a celebração de missas para pagar uma promessa feita a um santo não reconhecido oficialmente não o constroem, pois ele continua considerando-se sempre ligado à sua religião. Diante deste pressuposto, a conceituação de uma manifestação a partir da dicotomia oficial/popular, dominante/dominado mostra-se, no mínimo, incompleta, pois exclui a especificidade de cada manifestação de religiosidade que o historiador aborda. Ao adotar a análise considerando esta dicotomia, acaba por pulverizá-la, dado que cada prática analisada é apresentada como tendo uma existência forjada em virtude de outra prática considerada a oficial. O conceito de catolicismo popular era usado

¹⁶Devido a estigmatização social que algumas crenças ainda sofrem, alguns dos entrevistados podem ter ocultado a verdadeira crença.

automaticamente, sem uma preocupação em pensar sua historicidade ou em detectar as maneiras pelas quais diversos atores sociais se apropriavam dele. Ao identificar que a extensão popular ocupava a maior parte das denominações que fugiam do caráter institucional, percebi que em todas as abordagens, ao utilizarem este termo, analisavam as manifestações a partir do viés institucional e não uma manifestação com certa autonomia. Uma religião não será percebida enquanto “popular” senão quando uma religião “oficial” a declara ultrapassada e não legítima. No catolicismo, a maior expressão de religiosidade encontra-se no culto aos santos, tanto oficiais como extra-oficiais. (ANDRADE, 2008, p.137).

Esse modelo parece adequado ao nosso objeto por conferir historicidade ao termo ‘santo popular’, comumente utilizado para criar uma dicotomia entre os santos oficiais católicos e os santos não oficiais. Sobre este aspecto, a autora indica ainda que a busca para uma conceituação das manifestações populares no catolicismo coincide justamente com o período em que a Igreja percebe que está perdendo fiéis para tais práticas. Seja para grupos dissonantes como a umbanda, espiritismo, protestantismo ou mesmo para vertentes dentro de sua própria doutrina como é o caso dos santos de cemitério.

É denominada religiosidade popular, a religião de massa latino-americana, mais especificamente como sinônimo de catolicismo popular, o catolicismo dos santos, das procissões, dos rituais sem presença oficial. O olhar se volta exclusivamente para esse catolicismo que vai designar várias manifestações religiosas sempre com essa nomenclatura (ANDRADE, 2008, p.143-144).

A tentativa de incorporar tais práticas à Igreja, sob a nomenclatura de “popular” seria um modo encontrado pelo catolicismo de manter seus fiéis e ter controle dessas práticas, para que não assumissem condições de ruptura.

Para mim, a Igreja Católica utiliza a aceção tradicional de tolerância, pautada na condescendência para as

manifestações extraoficiais, caracterizadas como não lícitas, cuja proibição acarretaria inconvenientes de várias espécies. (ANDRADE,2008,p.153).

A partir do exposto, os conceitos de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) pode nos auxiliar a pensar o culto a Maria Bueno sob a modalidade de práticas instituídas.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar.(CERTEAU, 1998, p.99).

Se as estratégias permitem à instituição católica a manutenção de certa unidade, ainda que sob o signo de tolerância, as táticas, por sua vez, implicam a ausência de um próprio¹⁷, ou seja, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia.

A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de

¹⁷ Ou seja, “Uma vitória do lugar sobre o tempo permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo” (CERTEAU, 1998, p. 99).

previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1998, p. 100).

Pensar que a tática é a arte do fraco, não significa entendê-lo como vencido, pois “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia. Traduzindo: tanto mais se torna tática” (CERTEAU, 1998, p. 100). Reconhecer isto pressupõe entender a cultura enquanto prática instituída e instituinte na medida em que formaliza as práticas. É nesse sentido que endossamos a recusa pelo termo ‘santo popular’. A opção pelo termo ‘santo de cemitério’ (ANDRADE, 2008) implica no reconhecimento das práticas individuais na formação das representações coletivas. Corroboramos o entendimento de Michel de Certeau (1998), ao afirmar que a enunciação religiosa é caracterizada pela inscrição da experiência vivida numa linguagem, de forma a suscitar uma interpelação sobre a alteridade de sentido, demandando daquele que crê um posicionamento e uma ação.

2. A visita ao cemitério e ao túmulo de Maria Bueno

Para analisarmos o cemitério enquanto espaço de crenças partimos de Mircea Eliade (1992), por entendermos ser um espaço sagrado, um *Axis Mundi*, o simbolismo do Centro do Mundo. Ao instaurar e fundar um Sistema de Mundo é necessário eleger um Centro do Mundo que permite a comunicação com o mundo sagrado, este espaço privilegiado envolve a compreensão de que um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço profano. Essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra.

A comunicação com o Céu é expressa por certo número de imagens referentes ao *Axis Mundi* (pilar, escada, montanha, árvore, cipó) e, em torno desse eixo cósmico estende-se o Mundo, o nosso mundo”, logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, o Centro do Mundo (ELIADE, 1992).

Ao tratarmos da santa de cemitério Maria Bueno, o espaço central dessa devoção, o altar desse santuário é o seu túmulo, que recebe uma multidão de devotos durante o ano todo. Contudo, é no Dia de Finados, que a presença dos devotos se torna mais expressiva. Para compreendermos como um simples mausoléu pôde atingir *status* de sagrado usamos o conceito de “hierofania”:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’. (ELIADE, 1992, p.13).

Tanto o cemitério como o túmulo são designados como lugares sacralizados. Sobre este aspecto, foram feitas as seguintes questões aos entrevistados: Com que frequência visita o cemitério no Dia de Finados? Como veio ao cemitério? Visita o cemitério em outros dias do ano? Quais túmulos visita? É a primeira vez que visita o túmulo de Maria Bueno? Por que visita o túmulo de Maria Bueno? O que você conhece da história de Maria Bueno? Como soube da história de Maria Bueno?

Na primeira questão: “Visita o cemitério no Dia de Finados?”, oferecemos a opção de o devoto responder, não apenas sim ou não, mas também relacionar a frequência com sua resposta. Do total de 120 visitantes, a maioria, 93, visita o cemitério no Dia de Finados todos os anos, e 22 afirmaram fazer a visita ao cemitério somente no Dia de Finados e de maneira irregular.

Quanto ao deslocamento até o cemitério, a maioria, 75, veio com seu automóvel, 34 utilizaram transporte coletivo e 11 pessoas vieram a pé. Chegamos à conclusão que a maior parte dos devotos de Maria Bueno não reside próxima ao Cemitério Municipal indicando um deslocamento intenso dentro de Curitiba, mas ainda

assim uma crença local. É em Curitiba que Maria Bueno encontra sua principal força de existência, sendo nomeada pelos seus devotos como “símbolo da cidade”, “santinha de Curitiba” e “mártir local”.

Dessa maneira, a maioria que visita o túmulo de Maria Bueno, o faz com certa regularidade, e mais de 2/3 dos entrevistados o fazem há mais de cinco anos. Esse dado reafirma a crença em Maria Bueno enquanto um culto linear, isto é, que não é sazonal e independe de mudanças externas para sua manutenção.

Quanto às questões: “Visita o cemitério em outros dias do ano?” e “Quais túmulos visita?”, dos 120 entrevistados, 71 pessoas responderam que visitam o cemitério em outros dias do ano, contra 49 que vão ao cemitério apenas no Dia de Finados. Dentre os que visitam em outros dias do ano, 10 informaram visitar semanalmente, 35 pessoas visitam ocasionalmente, seguidos de 17 entrevistados que afirmaram visitar o cemitério frequentemente e, outros 09 afirmaram visitar raramente fora do Dia de Finados. Quanto aos túmulos que visitam, a maioria informou sempre visitar o túmulo de Maria Bueno. Poucos foram os que responderam que as visitas fora do Dia de Finados era direcionada a parentes, sendo que a maioria que deu esta resposta fazia referência a um ente querido próximo (como marido, esposa, filho) falecido recentemente.

Apesar do Dia de Finados ser o ápice da devoção a Maria Bueno, constatamos que muitos devotos também tomam o dia do nascimento de Maria Bueno, 08 de dezembro, e dia do aniversário de sua morte, 29 de janeiro, como datas especiais. Verificamos que 09 entrevistados que afirmaram visitar o Cemitério São Francisco de Paula toda semana, escolheram a segunda-feira por acreditarem ser esse um dia especial de Maria Bueno: “Maria Bueno teria mais força para interceder por seus devotos nesse dia da semana”. Embora não soubessem explicar o porquê deste dia da semana, podemos pensar que estes dias são os dias de atuação de Iansã e Iemanjá, nas linhas da umbanda. Todavia, não aprofundaremos esta questão, por não se tratar do nosso tema de interesse para esta dissertação¹⁸.

Na questão sobre quais os túmulos que visitavam 60 afirmaram ir ao cemitério São Francisco de Paula, no Dia de Finados, visitar “pessoas santas exclusivamente”, 48

¹⁸ Além disso, muitos pais e mães de santo frequentam os cemitérios nas segundas-feiras para visitar o Cruzeiros, por ser considerado o dia das almas. Embora o tema do hibridismo afro-brasileiro seja extremamente importante, é um dos vários aspectos possíveis em Maria Bueno, que ainda não conseguimos vencer apesar dos seis anos de pesquisa e um imenso aparato documental levantado que seria impossível abordar em um artigo e mesmo na dissertação de mestrado. Existem, todavia trabalhos em andamento, e que certamente vale à pena ser consultado, como é o caso da tese de doutorado de Conceição Aparecida dos Santos, na UFRGS, que estuda a relação de devoção dos umbandistas com três santas não-canônicas cultuadas no Sul do Brasil: Maria Bueno, de Curitiba-PR; Maria Degolada, de Porto Alegre-RS; e Maria do Carmo, de São Borja, RS.

visitavam “parentes e pessoas santas” e, apenas 05 entrevistados disseram ter vindo visitar “exclusivamente os parentes” e acabaram por passar pelo túmulo de Maria Bueno. Ainda temos 07 entrevistados que, além de parentes e pessoas santas, afirmaram visitar também pessoas famosas. Ao indagarmos quais seriam as pessoas santas ou famosas, descobrimos que as visitas se estendiam também à Menina Eunice e ao Cruzeiro das Almas¹⁹, sendo que 82 visitam exclusivamente o túmulo de Maria Bueno. Por fim, constatamos que apenas 05 dos entrevistados nos três anos de pesquisa, estavam visitando o túmulo de Maria Bueno pela primeira vez.

As motivações que levariam essas pessoas a visitarem o túmulo de Maria Bueno convergem em sua maioria, 27, para a percepção de que ela seria uma santa. Outros afirmaram que vieram agradecer graças alcançadas, 24, ou para pedirem graças, 19 pessoas. Poucos vieram acompanhar pessoas, pela história de vida comovente de Maria Bueno, apenas por curiosidade, porque se sentem bem no cemitério, para pagar promessas, para obter intercessões, por considerarem Maria Bueno famosa ou por acreditar que o túmulo traria sorte.

Sobre o que conhecem da história de Maria Bueno, as versões são as mais variadas: “foi assassinada por um policial”; “foi assassinada por ciúme”; “sofreu abuso”; “o túmulo dela era perto do cruzeiro”; “assassinada pelo amante”; “foi morta injustamente”; “é Nossa Senhora Aparecida”; “faz milagres principalmente para pessoas humildes”; “foi vítima de estupro por um policial”; “foi assassinada pelo ex-padrão”; “escrava assassinada pelo ex-namorado”; “foi prostituta e ajuda as mulheres solteiras” e, “não é uma santa”. Sobre essas variações na história de Maria Bueno, Calávia Saez (1996) nos ajuda a perceber que, justamente por não estabelecerem uma origem ou cronologia, mas apresentarem aspectos assistemáticos e anômicos de um fenômeno criador de uma ordem, o equívoco dos relatos é decisivo, pois é por meio deles que “o santo respira e se cria.” (CALÁVIA SAEZ, 1996, p. 18).

Dos 120 entrevistados, 49 tiveram acesso a história de Maria Bueno pela mídia²⁰: 20 por reportagens passadas na TV, 11 por periódicos impressos, 04 pelo rádio, 03 pela

¹⁹Achamos pertinente incluir o Cruzeiro das Almas na categoria “visita a pessoas santas”, ao ouvirmos dos entrevistados que por meio do Cruzeiro das Almas eles estariam visitando os santos canônicos (sendo Nossa Senhora Aparecida citada 09 vezes e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 06 vezes) e também os santos não canônicos.

²⁰Algumas poucas pessoas indicaram terem tomado conhecimento de Maria Bueno por meio de uma microssérie chamada *Maria Bueno*, produzida pela RPC TV, e exibida pela Rede Globo de televisão, no quadro *Casos & Causos*, no ano de 2007. Outras mencionaram terem visto reportagens na televisão sobre o Dia de Finados em Curitiba e a previsão de túmulos mais visitados. Uma informação que não conseguimos confirmar seria uma radionovela transmitida por alguma rádio

microssérie exibida pela RPCTV, 03 pela internet e 02 por novelas antigas da TV Tupi. E, 47 afirmaram conhecer a história de Maria Bueno por meio de familiares, ou seja, a oralidade é fundamental na manutenção do mito.

3. A Dinâmica da dádiva

Marcel Mauss (1974) chamou de dinâmica da dádiva, uma forma intrínseca e subliminar de receber e ofertar, que em nosso entendimento descreve a forma como os devotos de Maria Bueno interagem com a santa. Segundo Mauss (1974) a troca simbólica pode adquirir diversos significados a depender do contexto social em que está inserida. O simples ato de deixar um ex-voto no túmulo de Maria Bueno sistematiza, em si, o ato de troca simbólica dado que a retribuição a um pedido realizado pela santa traz em si a dinâmica da dádiva. Ao questionarmos os visitantes se eles pediriam ou esperavam alcançar alguma graça com a sua visita, dos 120 entrevistados, 74 disseram que sim, contra 46 que disseram não esperar alcançar alguma graça por meio daquela visita.

A dinâmica da dádiva pode ser traduzida como uma forma implícita de troca simbólica, uma vez que assim que é feito o pedido, inconscientemente há a necessidade de retribuição do ato. Na mentalidade dos devotos o rompimento dessa dinâmica por parte deles, isto é, a não oferta de agradecimento à santa, implicaria em não realização de um pedido, e o afastamento da santa pela falta de agradecimento.

Questionados se conheciam alguém que já teve alguma graça ou pedido atendido por Maria Bueno, 74 devotos afirmaram conhecer alguém, contra 46 que negaram. Indagados sobre quem foi o agraciado as respostas indicavam que 43 dos 74 eram familiares e conhecidos e apenas 18 revelaram ter sido os próprios portadores da graça. Fica implícito que a fé se mantém pela repetição dos milagres. 107 disseram que fizeram ou fariam alguma oração ou prece no túmulo de Maria Bueno, geralmente o Pai-Nosso, Ave-Maria ou Salve-Rainha.

Segundo Mauss (1974), a dinâmica da dádiva seria antes de tudo observar trocas entre sociedades, “o dar para receber” e a ritualística sagrada em torno disto. Quanto maior a dádiva, melhor deveria ser o empenho em sua retribuição. Essa troca representa uma relação social, se uma das partes sempre receber mais vai passar por interesseira e mal agradecida. Quem dá espera receber de volta, mas este nunca pode demonstrar que está dando apenas para cobrar algo, ainda que intrinsecamente se saiba, e se deva saber, que esse bem material deverá ser retribuído.

curitibana sobre Maria Bueno. Além disso, houve indicações de conhecê-la por meio da internet, ou por centros espíritas e terreiros de umbanda em Curitiba.

Ao inserirmos a dinâmica da dádiva na contemporaneidade, por meio das considerações de Mauss (1974), torna possível conjecturarmos que, quando o devoto leva uma oferenda ao santo, deus ou entidade, objetiva agradar e homenagear, mas de fato fará um pedido, uma súplica, uma oração. Porém, essa dinâmica se dá de maneira sutil: uma oferenda, uma oração, e a esperança que, de alguma forma o objeto ofertado possa acelerar a realização das súplicas.

O ex-voto faz parte do mesmo ciclo da dinâmica da dádiva, é a troca simbólica ao contrário. É como se o santo fosse o primeiro a conceder um presente ao devoto, a graça, e este tivesse a obrigação de retribuir, senão a dinâmica sagrada irá se quebrar. É como se o devoto estivesse sendo observado e reprovado pelo santo se não retribuísse, se sente culpado mesmo que o agradecimento não seja de fato uma promessa. É como se o devoto estabelecesse uma relação íntima com o santo.

Ao indagarmos por quais motivos já pediram ajuda a Maria Bueno, 31 devotos fizeram pedidos relacionados à saúde, 11 pediram emprego ou alguma melhoria financeira, demonstrando que esses são os fatores que mais afligem a sociedade, independentemente de religião, escolaridade ou *status* social.

Quanto maior for a graça, mais o devoto sente necessidade de retribuir, mas como afirmamos anteriormente, trata-se de uma troca simbólica, pois toda a graça que um santo é capaz de realizar nunca poderá ser paga com ex-votos, mas o pagamento a partir de sacrifícios e de simbolismos materiais dão a sensação aos devotos de que sua parte foi feita, conseguiram retribuir a graça recebida. Segundo Mauss (1974):

De todos esses temas muito complexos e desta multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui um único traço, profundo, mas isolado, o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito e, no entanto, imposto e interessado dessas pretensões. (MAUSS, 1974, p.41).

A questão que o autor nos coloca é: porque devolver se foi dado? Qual é a regra de direito e de interesse nas sociedades que faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? É o sentimento de dever, que Mauss (1974) chama de moral contratual. Nesse sentido, 93 devotos disseram que já trouxeram algo para presentear ou homenagear Maria Bueno, dos quais 38 o fizeram depositando as rosas vermelhas, reafirmando o símbolo de Maria Bueno. Os demais trouxeram velas e/ou flores diversas.

Para Mauss (1974) essa parte da história social expressa, de maneira implícita, a

moral religiosa, a de pertencimento a um grupo e, conforme as regras impostas por esse grupo, o indivíduo pode ser aceito ou não, e quando aceito ocupará melhor ou pior posição dependendo em como se encaixa nessa moral. Portanto, o não cumprimento de uma regra, ainda que simbólica, estaria excluindo o indivíduo do grupo ao qual necessita pertencer.

Para nós, as graças pedidas a Maria Bueno representam a esperança que tem um duplo sentido: confiança no poder do sagrado para escapar à fragilidade do viver, e esperança numa outra vida diferente da que leva. As graças, por serem caras ao devoto necessitam o estabelecimento da dinâmica da dádiva com sua santa de devoção. A proteção que o devoto implora ao poder do sagrado vai ao sentido de que sua vida não seja uma sucessão de sofrimentos. (ZALUAR, 1983, p. 87)

Considerações finais: as representações de Maria Bueno frente a prática devocional

A fim de encerrar as discussões propostas no artigo, nos parece justo atentar as representações apresentadas pelos devotos de Maria Bueno. Isso porque o nosso contato com eles se dá, justamente, no espaço onde se realiza o culto, o cemitério. É ali que a oralidade nos permite capturar visões, leituras, relações que os sujeitos constituem com Maria Bueno, que não estão presentes nos documentos como jornais, obras literárias, series televisivas, dentre outras. O sujeito devoto se coloca como real expressando por palavras, ainda que cercadas pela metodologia de pesquisa, que nos permitem compreender, na prática, como essa dinâmica da dádiva se organiza, não mais nos moldes de Marcel Mauss, mas desses sujeitos que atribuem santidade a Maria Bueno.

O conceito de representação nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos. Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais os representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada e ressignificada concebendo uma nova apreensão do real. (CHARTIER, 1990, 2002).

Essas questões se tornam evidentes quando ouvimos as respostas dadas à pergunta “O que Maria Bueno significa para você?”. “Ela se parece com a Nossa Senhora”, diz uma devota convencida de que essa comparação é uma grande

homenagem. As características da imagem, a pele alva, a túnica branca e o manto azul, se assemelham as representações da Virgem Maria. Se o ritual no cemitério configura a manifestação física da crença na qual Maria Bueno se insere, é possível compreender que o cemitério, como local de devoção, intensifica a relação imediata dos devotos com a santa. A representação que um devoto faz de Maria Bueno estaria, antes de tudo, na significação individual do que é considerado sagrado para aquele que crê:

Supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representação, o que nesse caso, seria instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é. (ANDRADE; SERAFIM, 2010, p. 125).

Desta maneira, o cemitério é um espaço devocional não apenas como uma forma física de relação entre os devotos e Maria Bueno, mas como um espaço transcendente onde o sagrado se manifesta por meio de imagens, orações e, principalmente, da figura do túmulo como altar. Todavia, pensar Maria Bueno como símbolo exclusivo de um catolicismo não institucional seria realizar uma simplificação mutiladora, pois negaria as interpretações dos devotos. “Você sabe que a Maria Bueno não era assim como a gente está vendo, né?” indagou-nos um devoto durante a pesquisa de campo durante o Dia de Finados de 2013. Ao nos observar aplicando questionários, ele parecia intrigado com o que seria escrito sobre Maria Bueno. Sua indagação era construída em tom de quem segreda algo muito importante e ao mesmo tempo de censura. Retribuímos com um “Assim como?”, denotando o mais profundo interesse. E ele responde: “branca, com essas roupas assim” e completa indicando a estátua presente no santuário, “eu não a vejo do jeito que ela está ali”.

O devoto explica ser umbandista e afirma seguir a linha cruzada, da umbanda com a quimbanda. Relata, inclusive, uma graça que teria recebido de Maria Bueno, explicando que rezava para ela em outra língua, mas sem dizer qual. Prossegue afirmando que Maria Bueno poderia se manifestar enquanto a Pombagira (entidade da umbanda) e que se déssemos uma volta completa em sua Capela, quando estívéssemos indo embora, ela estaria olhando para nós. Essa afirmação em si carrega uma forte simbologia, pois segundo seu relato, Maria Bueno teria sido apunhalada pelas costas, logo, jamais daria as costas a quem roga por ela.

Outra história que nos chamou a atenção foi a de um engenheiro, devoto de Maria Bueno há muitos anos, ao relatar que sua mãe, esteve muito tempo doente e

nenhum médico encontrava a causa. Teriam então descoberto tratar-se de uma “obsessão espiritual”, e por meio da intercessão de Maria Bueno, feita através de uma médium, sua mãe fora curada. Desde esse dia ele teria se tornado espírita e devoto de Maria Bueno. É recorrente a divulgação de centros espíritas em Curitiba que afirmam receberem Maria Bueno para aconselhamento espiritual.

Outra devota parou-nos na escada que leva à Capela e afirmou, sem cerimônia, que “Maria Bueno é a santa dos presidiários”; como ela foi morta por um policial, explicou a devota, ela protege os presos e até ajuda a sair da cadeia, quem se comporta e se arrepende. Outra representação mais recente de Maria Bueno foi a veiculação de sua imagem à “Marcha das Vadias” em Curitiba, no ano de 2011. Entender como Maria Bueno se tornou um símbolo feminista na atualidade pressupõe a constituição de duas representações; a da santa e a da prostituta. Se socialmente estas parecem divergir, no âmbito das relações humanas são complementares por estarem vinculadas a uma terceira representação: a da feminista.

Os relatos acima foram eleitos com o intuito de identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social, a história da santa Maria Bueno, é construída, pensada e dada a ler (CHARTIER, 1990). Quando questionados sobre o que Maria Bueno simbolizava para os devotos, as respostas consistiram, na ordem de maior reincidência, em: “Santa”, “paz”, “divino”, “Nossa Senhora”, “vida/esperança”, “espiritismo”, “proteção”, “orgulho”, “prosperidade”, “folclore”, “mulher”, “sofrimento”, “tudo”, “superação”. Como explicam Santos e Stoll (2011) as razões para a escolha de um santo pode se dar por herança familiar, o santo que já era cultuado pela avó do devoto; a ligação com outro santo que o devoto já cultua; por indicação, quando o devoto se encontra aflito e tem o santo indicado por alguém que diz ser o santo propício para tal aflição; mas principalmente por identificação: o santo da cidade ou profissão do devoto, o agrado pelas ações do santo em vida ou se este viveu um drama parecido com que o devoto está vivendo no momento de aflição. Talvez essa seja a principal razão de Maria Bueno ser cultuada principalmente por mulheres de vida humilde e também pelas prostitutas, mulheres expostas constantemente à violência masculina.

Diante das distintas representações de Maria Bueno, o conceito de hibridismo cultural de Peter Burke (2003) nos parece elucidativo, para entender como crenças que, em um primeiro momento pareciam impossíveis de se definir, na prática coexistem em harmonia sem se sobrepor a outra.

No Brasil, a chegada das ordens religiosas e as estratégias que utilizaram na conversão dos indígenas autóctones e dos escravizados africanos, confere ao catolicismo brasileiro um caráter distinto do catolicismo europeu, donde se originou. Elementos de

várias culturas distintas foram adaptados e cristianizados, constituindo influências advindas das crenças das tradições indígenas de diversos grupos étnicos e as manifestações africanas, de vários países, trazidas com os negros. O que temos é resultado de um conjunto de apropriações e ressignificações que começaram a triunfar em todos os campos, se expressando de forma mais livre onde encontravam espaço, como é o caso da religiosidade devocional. (BURKE, 2003).

Estabelecer a unidade na diversidade não é nossa preocupação. Como historiadores, não objetivamos um produto final, fruto das hibridizações em que os devotos inserem Maria Bueno, pelo contrário consideramos enquanto riqueza histórica todos os detalhes coletados. Longe de pensar a crença em santos de cemitério como uma forma de subjugar a religião dos povos vencidos, escravizados ou ocupados, percebemos formas de resistências a algumas dessas práticas que, para não se perderem, foram ressignificadas, incorporando novos elementos.

Por meio de Burke (2003) compreendemos que o próprio catolicismo tem em sua origem a identidade fragmentada, já que para sua constituição também ela, considerada pura e hegemônica para seus clérigos e fiéis, agregou elementos de outras culturas, que ganharam no seio da instituição católica a imagem de santos e anjos. A descoberta de um novo espaço religioso, multifacetado e híbrido é o que torna a crença em Maria Bueno algo especial. A identidade religiosa de Maria Bueno está situada entre a religiosidade devocional e a pluralidade de crenças que constroem seu universo de devoção.

Concluiu-se, por fim, destacando que os relatos e narrativas sobre Maria Bueno são carregados de questões herdadas de narrativas anteriores, sejam escritas, imagéticas, auditivas, teatrais ou fotográficas. E, em virtude disto, houve no decorrer da pesquisa as mais diversas oscilações.

Qualquer pesquisa sofre oscilações – de experiência, de conceito e de método – que, em boa parte, são eliminadas no resultado final, para dar maior clareza às conclusões. Pode-se pensar, porém, que ao menos no caso da antropologia esses percursos, como testemunhos de modos alternativos de apreender o assunto, sejam tão valiosos como qualquer conclusão. Meu trabalho tenta conservá-las com o risco de resultar miscelâneo, digressivo ou até contraditório. (CALÁVIA SAEZ, 1996, p. 14).

Especialmente por tratar-se de uma pesquisa que parte da história cultural e tem por base a interdisciplinaridade, os apontamentos feitos por Calávia Saez nos auxiliam a

embasar o miscelâneo, digressivo e contraditório como componentes conclusivos de nossa pesquisa e a devoção a Maria Bueno mostra-se plural, heterogênea, contraditória, diversificada e cheia de possibilidades analíticas para o estudo da história das religiões. Apesar das distintas leituras, o que prevalece são as pessoas que foram ao túmulo agradecer ou pedir por seus familiares, um alívio para suas dores físicas ou emocionais ou a chance de um emprego melhor. Enfim, cada devoto procurava em seu íntimo algo na santa que possibilitasse uma identificação por meio da dor, em um processo de identificação a partir da devoção, principal força motriz da fé.

Essa leitura nos permitiu também entender as dinâmicas sociais, pois ao indagarmos aos devotos acerca do que pensavam de Maria Bueno ser vista como uma prostituta, não vimos expressões escandalizadas ou mesmo ofendidas por compararmos sua santa de devoção com uma meretriz, mas tivemos a surpresa da passividade e condolência com a suposta vida pouco convencional de Maria Bueno. Alguns devotos relatavam que Maria Bueno havia sido abusada na adolescência, o que justificaria seu comportamento hipersexualizado. Outros viam em Maria Bueno apenas uma liberdade maior, sem enxergar problemas nisso. Apesar da permissividade para com as escolhas sexuais atribuídas a Maria Bueno, a maioria dos devotos não a considera um símbolo feminista, mas uma mulher que batalhou e sofreu por escolher, ou ter o azar de encontrar, homens errados em seu caminho.

O panorama religioso contemporâneo estaria marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção da crença e das pertenças individuais e, pela diversificação das trajetórias percorridas pelos indivíduos, praticada de modo voluntário, autônoma, variável, individual, móvel e excepcional (HERVIEU-LÉGER, 2008). A representação que o devoto realiza da imagem de Maria Bueno parece, por um lado, se afastar de disposições fixas de interpretação, ao não possuir um caráter de obrigação específica para o seu conjunto de visitantes. Por outro lado, a devoção religiosa se assemelha a uma prática voluntária e pessoal, uma opção individual mesmo quando assume característica de uma devoção coletiva.

Fontes da Pesquisa de Campo:

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Pesquisa e observação participante*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2013.

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Pesquisa e observação participante*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2014.

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Pesquisa e observação participante*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2015.

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Série de questionários aplicados*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2013.

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Série de questionários aplicados*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2014.

PICCOLI, Tônia KioFuzihara. *Série de questionários aplicados*. Cemitério São Francisco de Paula, Curitiba, PR, 02/11/2015.

Referências

ANDRADE, Solange de. A identidade Católica: entre a religião e a religiosidade. Ivan. Manoel; Solange Ramos de Andrade (orgs.). *Identidades religiosas*. Franca: UNESP – FHDSS; Civitas Editora, 2008, p. 253–281.

ANDRADE, Solange Ramos de. *Santo de cemitério: A devoção ao Menino da Tábua* (1978-1994). 1ª ed. Maringá: EDUEM, 2015.

A REPÚBLICA. *Graças aos esforços do cidadão Dr. Chefe de Polícia e do ativo comissário em exercício*. Curitiba, PR, Edição de 02 mar., 1893, p. (s/n).

A REPÚBLICA. *Encerrou-se hontem a segunda sessão do Jury*. Curitiba, PR, Edição de 14 jul., 1893, p. (s/n).

A REPÚBLICA. *Assassinato*. Curitiba, PR, Edição de 1º fev., 1893, p. (s/n).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa Participante*. 2.ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. 3ª ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

CALÁVIA SAEZ, Oscar. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. *Horroroso assassinato*. Curitiba, PR, Edição de 30 jan. de 1893, p. (s/n).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

FOTO 01. Entrada principal do Cemitério São Francisco de Paula. Arquivo Pessoal Vanda Serafim. 20/06/2012.

FOTO 02. Devotos se dirigindo ao túmulo de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 03. Placas votivas no muro em frente ao túmulo de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 04. Imagem da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015. 02/11/2015.

FOTO 05. Porta da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 06. As placas votivas mais antigas que ficam no túmulo. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 07. Interior da capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 08. Fitinhas de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 09. Velário de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 10. Copos de água deixados no velário de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 11. Fila para entrar na capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli. 02/11/2015.

FOTO 12 - Jornalistas na Capela de Maria Bueno. Arquivo pessoal Tônia K. F. Piccoli.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Igreja Católica Romana em Curitiba (PR): estruturas da territorialidade sob o pluralismo religioso. R. *RA'EGA*, Curitiba, n. 7, p. 95-110, 2003.

Editora UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3355/2691> .
Acesso em 12/02/2017

IMAGEM 01- Mapa do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Fonte: Google
Maps. Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/place/Cemit%C3%A9rio+Municipal+S%C3%A3o+Francisco+de+Paula/@-25.4215733,-49.2751595,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xc9d84019a7e14af18m2!3d-25.4215733!4d-49.2751595> Acesso em 18/02/2017.

KOSTER, Julia Impéria. A construção de uma santidade popular e os direitos da mulher. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 86, mar 2011. Disponível em:
<http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9222&revista_caderno=3> Acesso em 24/11/2011.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. 2004. 218 f. Tese (doutorado em História) Pós - Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em:
<<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Volume II. São Paulo: EDUSP, 1974.

PICCOLI, Tônia Kio Fuzihara. *Maria Bueno: Apropriações de uma crença híbrida (Paraná, séculos XIX-XXI)*. 2016. 117 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

SANTISO, M. T. P. *A bora de Maria, a bora da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1982.

SANTOS, Conceição Aparecida dos. *Como nascem os santos: o caso Maria Bueno*. 2010. 190 f. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós - Graduação em Antropologia Social.

SERAFIM, Vanda Fortuna; PICCOLI, T. K. F. Maria Bueno e suas representações: reflexões teóricas sobre as crenças religiosas no Paraná - século XXI. *Tempo e Argumento*, v. 08, p. 411-444, 2016.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL Rodrigo. Maria Degolada: de mulher a santa e de santa a mulher. In: Gizele Zanotto (Org.). *Religiões e Religiosidades no Rio Grande do Sul* Vol. I. Passo Fundo, RS: Editora PPGH. 2012.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus*. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983.

ZANOTTO, Gizele. As duas mortes de Maria Pequena. *Projeto Passo Fundo*. Gizele Zanotto (Org.). Passo Fundo, RS: Editora PPGH. 2014. Disponível em: http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con_codigo=51339. Acesso em 18/01/2017.